

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

Debates em Museologia e Patrimônio  
Comunicação oral

**O DEVIR DE UMA COLEÇÃO:  
a institucionalização do Museu “Eduardo André Matarazzo” de Armas,  
Veículos e Máquinas**

Mara Angélica Pedrochi (PPGCI/UNESP, mmpedrochi@ig.com.br)  
Eduardo Ismael Murguia (PPGCI/UNESP, murguia@marilia.unesp.br)

**Resumo:** O presente trabalho pretende explicar, a partir de uma aproximação exploratória, o processo de institucionalização de uma coleção. No caso, a maneira pela qual uma coleção se torna Museu. Escolheu-se como estudo de caso o Museu “Eduardo André Matarazzo” de Armas, Veículos e Máquinas “Eduardo André Matarazzo” localizado na cidade de Bebedouro-SP. O trabalho foi dividido em primeira instância numa apresentação sobre os estudos de colecionismo. Posteriormente, introduzindo na vida de Eduardo André Matarazzo sob a perspectiva de colecionador. E finalmente, analisando o processo legal, no qual aparecem as tensões entre o público e o privado, em que a coleção vem a ser Museu.

**Palavras-chave:** Coleção. Colecionismo. Museu Eduardo André Matarazzo. Processo de institucionalização.

***Abstract:** This paper addresses the collection process that leads to an institution. In this case, this focus is on how a collection becomes a Museum. A case study is presented, that of the “Museu de Armas, Veículos e Máquinas Eduardo André Matarazzo” in the city of Bebedouro in São Paulo state. The paper is structured into, first, a presentation of the study of collecting. Secondly, a biography of Eduardo André Matarazzo as a collector is included. And, finally, an analysis of the legal distinction between public and private is presented in order to show the contradictions inherent in the manner in which a collection becomes a Museum.*

***Keywords:** Collection. Collectionism. Museu Eduardo André Matarazzo. Institutionalization process.*

Os estudos de coleções se configuram na atualidade como um vasto e fértil campo de estudo, que tem contribuído para múltiplas áreas do conhecimento, oferecendo diversas abordagens e interpretações. Eles são importantes porque nos colocam perante a evidência do mundo da cultura material e seus objetos. Ademais, desvendam as obscuras relações que o sujeito estabelece com os objetos.

No presente trabalho, pretende-se oferecer algumas considerações sobre esse campo, destacando-se a importância das coleções quando relacionadas a seu processo de institucionalização. Restringindo o tema de estudos para a coleção particular, identifica-se, neste caso, a coleção como uma relação que se estabelece com as coisas, tendo o intuito de recolhê-las de acordo com diversos motivos, mas sempre a partir de um lugar subjetivo, individual, muitas vezes do íntimo, ou seja, a partir da esfera do privado. Existe porém, o colecionismo institucional, em que alguma entidade continua a acrescentar seus fundos, através de compras, trocas etc; sempre com uma finalidade ou objetivo específico que articule suas escolhas.

O museu moderno, notadamente a partir da Revolução Francesa, se torna público, isto é, as nações através dos seus representantes lhes outorgarão algumas funções sociais. As coleções particulares, pela regulamentação legal e oficial, se tornaram bens públicos de propriedade e para usufruto da Nação.

Na sociedade contemporânea, observa-se que o caráter privado e público permeia tanto as coleções como os museus. As coleções de objetos particulares, além dos seus valores recordatórios e simbólicos, possuem também um valor econômico. Uma coleção, entendida como um conjunto de objetos articulados em torno de certos elementos internos ou externos possui também um valor de mercado.

Assim, sob determinadas circunstâncias, quando uma coleção particular se torna museu, os valores da esfera privada poderão entrar em conflito com os valores públicos. Com a finalidade de observar o conflito entre o privado e o público focalizou-se a atenção no momento da institucionalização. Neste caso, no momento da passagem de uma coleção privada para um bem público (museu).

Foi dessa maneira que, chegamos a uma pergunta que sob sua aparência de obviedade, esconde relações e respostas sutis e imbricadas: por quê e como uma coleção privada de objetos pode-se converter em museu? Coloca-se essa pergunta na procura de também encontrar uma outra resposta: em que medida o processo de institucionalização determinará ou não os objetivos e o percurso da instituição?

Levados por essas dúvidas, passou-se a observar o Museu “Eduardo André Matarazzo” de Armas, Veículos e Máquinas, instigados especificamente pela inação na qual se encontra. Procurou-se saber em que medida o processo de institucionalização da coleção fez com que os interesses privados da família, entrassem em conflito com os interesses públicos da Prefeitura Municipal de Bebedouro-SP e vice-versa. Para a consecução da análise, ainda exploratória, apresenta-se uma introdução teórica sobre o colecionismo, um esboço biográfico de Eduardo André Matarazzo como colecionador e o processo oficial e público da institucionalização da sua coleção.

### **Colecionismo e coleções, uma introdução**

O colecionismo e sua conseqüência, as coleções, são tão antigos quanto o homem. O devir das coleções e do colecionismo, de acordo com Pomian (2004), advém de dois momentos: o primeiro com a coleta de objetos funerários, especificamente, no período de 6500 e 5700 a.C., na cidade de Çatal Hoyük, na Anatólia; o segundo, a coleta e guarda das oferendas nos templos da Grécia e de Roma (estes tesouros dos templos, em sua maioria, são provenientes de presentes e despojos obtidos nos saques).

Ainda Pomian (2004), assinala que, na época do Império, a moda de colecionar se difunde a ponto de Vitruvius prever na planta arquitetônica de sua residência, um lugar especial para os quadros e esculturas. Nesta fase, o Colecionismo é caracterizado pela ostentação e duas características de comportamento dos colecionadores romanos são destacadas: “[...] a primeira é o seu soberano desprezo pela utilidade dos objectos recolhidos; a segunda é a perpétua disputa pela maior oferta em que participavam e que punha em jogo não só a fortuna de cada um, mas a sua própria dignidade” (POMIAN, 2004).

Na Idade Média, aparece uma outra característica do colecionismo: as relíquias (objetos que “estiveram” em contato com santos ou heróis) e os objetos sagrados (altares, casulas, tapeçarias, etc.) compondo os tesouros principescos, no sentido do seu alto valor material (metais e pedras preciosos) e espiritual.

No caso dos objetos funerários, acreditava-se que fosse uma forma dos vivos “sentirem” a presença dos mortos, mas na verdade não se sabe quem observava quem, percebia-se apenas essa ligação do visível ao invisível, que os objetos proporcionavam. Nas relíquias, representadas, por exemplo, pelas imagens, a participação do sagrado, do passado, do invisível era uma constante. Nos objetos principescos, as tradições, os valores, as histórias e os contextos permitiam essa aproximação do sagrado.

Com o Humanismo do século XV, aparecem os Gabinetes de Curiosidades e os ambientes mistos de produção de conhecimento, nos quais estudiosos e eruditos passaram a desenvolver a cultura.

[...] bibliotecas enriquecidas de livros impressos e reorganizadas em favor de novas relações de conhecimento: os objetos que geram as coleções colocam-se, agora, nas vitrines, em que espécimes diversos, retirados de seus lugares originários, estão lado a lado, permitindo novas relações de conhecimento até então impossíveis. As curiosidades naturais, que compartilhavam o mesmo espaço de obras de arte e relíquias, são aos poucos subdivididas em uma nova grade de disciplinas, destinada a reformular a divisão estrutural do conhecimento moderno. (FOUCAULT, 1988 apud CRIPPA, 2005).

Esses espaços especiais privilegiam a prática do conhecimento, além, de propiciarem a definição de duas grandes áreas do Colecionismo: a História da Arte e a História Natural. De acordo com Janeira (2005), os Gabinetes de Curiosidades reuniam de forma ‘indisciplinada’ “quadros, conchas, armas, relíquias, estatuetas, aparelhos, etc” o que permitia apreciar “formato, raridade, cor, utilidade da técnica ou excentricidade do volume” (JANEIRA, 2005).

A história das coleções demonstra a preocupação dos colecionadores em recolher e guardar determinados objetos que contribuíram para a preservação do registro do conhecimento. Essa preocupação é uma forma individualizada de compreender e agir no mundo. Os estudos atuais do Colecionismo se atentam às peculiaridades existentes neste processo de formação e manutenção da coleção.

O Colecionismo contemporâneo tem seu marco atrelado ao sujeito do Renascimento, pois, a figura do colecionador “[...] aparece como a do burguês renascentista, sinalizando a relação que seria estabelecida entre poder-dinheiro e possibilidade de colecionar” (OLIVEIRA; SIEGMANN, COELHO, 2005).

De acordo com Jeudy (1990), o homem sente necessidade de coletar o passado, pois isso permite a criação de sua memória, construindo sua identidade, individual ou coletiva<sup>1</sup>, permitindo que se estabeleça a crença do conhecimento, fundamentada nas necessidades presentes. De acordo com Meneses (1993), a identidade não é:

[...] uma essência, um referencial fixo, apriorístico, cuja existência seja automática e anterior às sociedades e grupos – que apenas os receberiam já prontos do passado. [...] não só a identidade é um processo incessante de construção/reconstrução, como também ganha sentido e expressão nos

momentos de tensão e ruptura – precisamente quando se aguça a percepção da diferença e sua presença se faz mais necessária. Assim, não existe identidade em abstrato. A identidade só pode ser identificada “em situação”. (MENESES, 1993).

Para Kasinsky (2000), o objeto representa um indicador de memória e agente de informação, pois, detêm “informações referentes aos sistemas sócio-econômico-culturais nos quais estavam inseridos”. As coleções representam o conjunto desse indicador de memória, pois, os objetos carregam significados ligados diretamente aos contextos sócio-político-econômico-cultural, vividos pelo colecionador. De acordo com Suano (1986), estudiosos crêm que:

[...] recolher aqui e ali objetos e “coisas” seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar. Por isso é que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em “coleção” (SUANO, 1986).

Crippa (2005), entende as coleções como “[...] representações simbólicas do longínquo, do não-revelado, da ausência de lugares e pessoas, em uma palavra: memória” (CRIPPA, 2005).

Pomian (2004), define coleção como “[...] qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” e atribui o termo semióforos para resumir esta definição.

Clara (2005), relembra um comentário de Ítalo Calvino (em uma exposição no Musée des Arts Décoratifs em Paris, no ano de 1974) sobre as coleções:

[...] coleção é também um diário, de viagens, de sentimentos de estado de alma, de humores; e que o impulso secreto que leva a coleccionar e reunir uma coleção, ou a manter um diário, parte da necessidade de transformar o curso da nossa própria existência numa série de objectos salvos da dispersão (CLARA, 2005).

Pearce (2005) diz que a natureza das coleções envolve: um contexto, uma rede de relações de pessoas com princípios ideológicos e o mundo material.

The material comes as part of a context, part of the web of relationships, for which ‘ideological’ is a useful word, which involve persons and the material world. The forming of the being, and the object, conceived as the whole world, material and otherwise, which lies outside him or her. The collections, in their acquisition, valuation and organization, are an important part of our effort to construct the world, and so it is with this large and fascinating area that this paper will be concerned. (PEARCE, 2005).

Para Léon (1995) o Colecionismo afirma-se em três aspectos: em primeiro, como um “[...] mundo de preferencias ideológicas al definirse como defensor activo de la posesión única, no compartida”; em segundo, “[...] incide en la función ideológica de la cultura. La clientela de arte representa a una clase determinada que dirige, controla e instrumentaliza los objetos de cultura en función de sus intereses y objetivos”; e em terceiro, “[...] tiene un valor formativo-consolidante sobre el arte, la crítica y el gusto”. A autora conclui que características como raridade, singularidade e originalidade tornam o objeto mais significativo ao colecionador, além de ter o valor comercial adquirido. O aspecto do valor comercial não tem tanta importância para o colecionador, já que se esforça para adquirí-lo e não tem interesse na comercialização.

Numa coleção, a busca pelo novo objeto é incessante, a apreensão pelo devir instiga o colecionador que nunca encontra a completude. Pode-se entender a coleção como um lugar construído socialmente, dentro de um espaço em que o “[...] tempo e posição de elementos constituintes são controlados. A aparência de estabilidade é sustentada pelas relações de poder

que dissimulam suas condições de produção” (JOSGRILBERG, 2005). Sob este enfoque pretende-se compreender a coleção supra citada.

Para Josgrilberg (2005) a teoria de Michel de Certeau é aplicada em qualquer instituição ou organização social. Esta concepção de lugar mostra que sempre há:

[...] dissociações, realizadas por operações práticas que organizam a sociedade ou, em outras palavras, que desconsidera a morte que assombra qualquer organização “estável” e não reconhece a dependência do Outro. A reflexão se aplica a toda organização espacial: disciplinas acadêmicas, nações, grupos marginais, sociedade, etc. Ninguém é autônomo. Todos dependem do Outro. (JOSGRILBERG, 2005).

Outra contribuição de Certeau para o estudo do Colecionismo refere-se à trajetória percorrida pela coleção. De acordo com o autor a trajetória deveria:

[...] evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico. De fato, essa “representação” é insuficiente, pois precisamente a trajetória se desenha e o tempo ou o movimento se acha assim reduzido a uma linha totalizável pela vista, legível num instante: projeta-se num plano o percurso de um pedestre caminhando na cidade. [...] Um gráfico toma o lugar de uma operação. Um sinal reversível (isto se lê nos dois sentidos, uma vez projetado num papel) substitui uma prática indissociável de momentos singulares e de “ocasiões”, portanto irreversível (não se pode remontar ao tempo primordial, não se pode voltar atrás e aproveitar uma ocasião perdida). Tem-se então um traço no lugar dos atos, uma relíquia no lugar das performances: esta é apenas o seu resto, o sinal de seu apagamento. Essa projeção postula que é possível tomar um (este traçado) pelo outro (operações articuladas em cima de ocasiões). É um “qüiproquó” (um no lugar do outro), típico das reduções necessariamente efetuadas, para ter eficácia, por uma gestão funcionalista do espaço (CERTEAU, 2005).

Susan Pearce em seu trabalho “Interpreting objects and collections” distingue três modos de coleções: *souvenirs*, objetos fetichistas e sistemáticos. As coleções de *souvenirs* estão relacionadas a partes intrínsecas da experiência passada, no sentido da posse material do passado no momento presente. “Souvenirs are intensely romantic in every way and especially in the ways in which that idea is now often applied” (PEARCE, 2005).

Já as coleções fetichistas têm sua natureza nas relações entre objetos e colecionadores. Nestas coleções, a personalidade do colecionador fica explícita, pois, o assunto fica subordinado aos objetos e este todo é que transmite o “ar” romântico deste tipo de coleção.

Finalmente, nas coleções sistemáticas há uma preocupação com princípios de organização. Estes princípios são percebidos através de uma realidade externa, que vai além do material específico e que resulta por derivação de princípios gerais, deduzidos por um conjunto de características familiares dos materiais, ou seja, através das operações de observação e razão. Estes princípios gerais formam parte das idéias sobre a natureza do mundo físico e da própria natureza do ser.

Na coleção particular, a relação social construída entre colecionador-objeto-coleção tem uma organização meramente arranjada com os significados próprios da relação, ou simplesmente como uma extensão do colecionador, com os marcos da trajetória percorrida, descritos por Certeau.

Nos estudos de cultura material, o colecionismo é um tema fecundo para a compreensão do papel estruturante que os artefatos cumprem na criação e reprodução de categorias sociais e psíquicas para a vida em sociedade. Pesquisas entre colecionadores têm demonstrado como a prática de reunir artefatos segundo regras próprias – tipológicas, temáticas, técnicas, cronológicas, genealógicas, afetivas, estéticas, excepcionais, entre outras –

atende a necessidades de estabilização emocional, integração e triagem sociais; bem como à construção de formas de prestígio e distinção individual, servindo ainda como suporte de laços de afetividade ou como apaziguador das mudanças sociais ou de natureza cíclica da vida (CARVALHO; LIMA, 2005).

### **Eduardo André Matarazzo, colecionador de automóveis**

Na atualidade, as pesquisas sobre o Colecionismo, estão voltadas para uma compreensão do colecionador e da relação que este constrói com seus objetos. Nesta perspectiva, selecionou-se o colecionador de automóveis Eduardo André Matarazzo, para analisar tal processo de ‘construção’ da coleção.

Eduardo André Maria Matarazzo nasceu em São Paulo, aos 07.07.1932, quarto filho da união de Conde Francisco Matarazzo Júnior e Mariangela Francisca Annunciata Aparecida Matarazzo. Realizou seus estudos nos Estados Unidos, fez estágio na Europa e concluiu o Curso Ginásial no Colégio Estadual Regente Feijó em Ponta Grossa / PR. Em 12.07.1950, casou-se com Maria Alice de Castro Magalhães. Dessa união, nasceu em 04.02.1954 Francisco Eduardo Matarazzo, engenheiro, especialista em engenharia de segurança. A união não perdurou. Na década de 60, conheceu Eneida Baptistete Matarazzo, médica psiquiátrica e professora da Universidade de São Paulo. Dessa união, nasceram Patrícia Marta Matarazzo, 29.07.1969, psicóloga e empresária e Fernando Jerônimo Baptistete Matarazzo.

Profissionalmente, Eduardo Matarazzo atuou juntamente com o pai, Conde Chiquinho, nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), na função de vice-presidente executivo, onde foi responsável pela compra, instalação e manutenção das fábricas, de 1951 a 1977. Sua responsabilidade era: adquirir, instalar e manter as fábricas do complexo. No desempenho da função, viajava constantemente ao exterior para atualizar-se quanto à tecnologia existente e aplicá-la nas Indústrias.

Depois de 1977, atuou como Presidente do Conselho Consultivo da Frutesp S.A. – na cidade de Bebedouro-SP; Membro do Conselho de Administração da TransBrasil S.A. – linhas aéreas; Membro do Conselho de Administração do Banco de Crédito Comercial; Membro do Conselho de Administração da Embraplan - Empresa Brasileira de Planejamento Ltda.; Membro do Conselho do Museu de Tecnologia de São Paulo; Diretor Superintendente do Departamento de Citrus e Membro do Conselho da Coopercitrus – Bebedouro-SP; Presidente da Fundação de Pesquisas Agro-Industrial de Bebedouro; Diretor Secretário da Associtrus - Associação Paulista de Citricultores; Diretor do Sindicato Rural de Bebedouro; Membro da Comissão Técnica de Citricultura da FAESP –Federação da Agricultura do Estado de São Paulo; Presidente do Museu de Armas e Veículos Antigos “Eduardo André Matarazzo”.

Eduardo Matarazzo faleceu aos 69 anos idade, em 03.03.2002. Até o fim, manteve-se atuante na área empresarial: administrador, citricultor, agropecuarista, presidente do Museu de Armas, Veículos e Máquinas “Eduardo André Matarazzo”, colecionador e restaurador de peças antigas.

Com respeito à formação da coleção de automóveis, por volta de 1950, Eduardo Matarazzo adquiriu uma Isotta Fraschini que precisava de cuidados e decidiu restaurá-la. Depois, vieram um Opel e uma Mercedes K. Night. A partir daí, não parou mais de adquirir carros antigos e restaurá-los.

Para realizar o processo de restauro Eduardo A. Matarazzo desenvolvia toda uma pesquisa sobre a marca do automóvel. Prova disso é a biblioteca que formou em sua casa, durante os cinquenta anos de pesquisa. Acumulou livros especializados, guias, revistas, catálogos e manuais, resultantes dos mais de duzentos restaurados realizados por ele.

As primeiras peças da coleção começaram a ser restauradas nas oficinas do Parque da Água Branca. Entre 1953 e 1955, Eduardo Matarazzo construiu uma Casa na Rua Guatemala, na cidade de São Paulo, com uma grande garagem, na qual, montou uma oficina equipada e passou a trabalhar com o auxílio de funileiros, pintores, mecânicos e eletricitas, sempre supervisionando tudo. O filho Francisco Eduardo e a esposa Eneida descrevem a oficina construída.

Francisco Eduardo diz que a casa era fantástica e a oficina perfeita. Dois subsolos dedicados às suas paixões: o restauro dos carros e outro para o trem elétrico<sup>2</sup>.

É<sup>3</sup> assim, na garagem da casa, tudo foi mantido pelo proprietário atual. Como num posto de gasolina. Ele tinha um elevador mecânico, os carros subiam e os carros desciam, os carros a serem consertados. Então a garagem, era para os carros do dia a dia da família e em baixo tinha a oficina, com as máquinas, com livros, com ferramentas, e com vários carros ao mesmo tempo, isto era um subsolo. E havia um outro subsolo, acredito eu, que maior, onde havia o trem elétrico. Que ele não deixava eu brincar!

Eneida descreve que a oficina:

[...] tinha uma garagem muito grande e parte da garagem ele fez uma sala grande, um salão muito grande onde instalou todo maquinário necessário para reforma, conserto e pintura, etc e tal dos carros. E continuou reformando esses carros. Como tinha elevador, levava os carros para essa sala e reformava e depois ele ia guardando num pátio.

Na década de 50, já existia um comércio de raridades automobilísticas, na cidade de São Paulo. Eduardo Matarazzo utilizava os serviços especializados prestados por profissionais que se dedicavam a rastrear estas raridades na cidade de São Paulo e região. De acordo com Eneida Matarazzo, o marido requisitava esse tipo de prestação de serviço, já que sabia “quem eram as pessoas que vendiam carros antigos [...], no domingo de manhã saía pra visitar, ver quem tinha carros antigos pra vender, escolher algum pra comprar. Ele conhecia tudo, ele lembrava de tudo, Eduardo tinha uma memória inacreditável [...]”. Como viajava muito por negócios, Eduardo Matarazzo fazia contatos com profissionais de todo o mundo, por várias vezes, obteve informações de raridades fora do Brasil e algumas vezes adquiriu peças importantes para seus restauros<sup>4</sup>.

Outra fonte de informações, para suas aquisições de novos objetos para a coleção e peças para o restauro, era o Automóvel Clube do Brasil, do qual foi presidente nos anos de 1953 e 1954.

Ao olhar a coleção de carros de Eduardo Matarazzo, observa-se a representação da história da indústria automobilística, quanto a raridade, design e tecnologia. A esposa do colecionador relata que o marido era freqüentador assíduo de Museus na Europa e nos Estados Unidos sobre os automóveis e por isso, seu vasto conhecimento sobre o assunto. Esse conhecimento é percebido por especialistas em Antigomobilismo e velhos amigos do colecionador, que relatam que a coleção está muito bem organizada, representando diversas marcas e épocas, demonstrando o desenvolvimento do automóvel. De acordo com Patrícia Matarazzo, “[...] é muito mais o desenvolvimento da máquina e isso acho que ele teve olho clínico, ele se ligava no que era legal”.

Francisco Eduardo reforça o que a irmã diz quanto ao olho clínico do pai:

Quando eu era pequeno, eu tinha mania de Rolls Royce, ainda tenho. Aí o que aconteceu? Nós estávamos passando por um hospital para ir para fábrica, assim, a Matarazzo tinha na Água Branca. Aí eu falei, pai, pai, tinha um hospital; pai tem um Rolls Royce naquele hospital, pára. Ele olhou pra mim desconfiadíssimo. Fez a volta, voltou tudo, não era, era um Jaguar né! Não gostou, não gostou muito do meu erro.

Eneida Matarazzo diz que Eduardo Matarazzo identificava nos carros “o valor histórico, a tecnologia empregada, fosse dos motores, fosse do design, era isto que chamava a

atenção dele”. Como exemplo, tem-se um Gardner, ano 1928, que está na coleção. Foi um carro manufaturado com peças de diferentes lugares e com edição limitada de 12 exemplares, no mundo todo.

Mais dois aspectos reforçam o perfil de colecionador: a busca pela originalidade dos objetos e a dedicação na preservação e guarda. A originalidade acompanhava o colecionador em suas viagens de negócios (em média, cento e setenta e cinco por ano). Buscava peças originais para o restauro e quando não conseguia, mandava fazer de acordo com a original. Eneida Matarazzo diz que o marido viajava através da firma, mas já saía de casa com uma lista de peças, tinha “os vendedores que ele conhecia e já o conheciam”. Na maioria das vezes, ele “viajava e vinha uma quantidade de peças de carro com ele”.

O funcionário Anésio Buzon diz que um carro chegava a ficar até quatro meses no restauro, por esperar que o colecionador trouxesse as peças do exterior.

Ele ia pro exterior e voltava com a peça numa mala, trazia... Olhe, teve uma vez que ele trouxe até um bloco de motor do Estados Unidos dentro de uma mala, aquelas malas de rodinhas (risos), ele trouxe. [...] O que precisava no carro ele queria original, ele não queria nada, porque aquele carro é importado, vai colocar peça adaptada, ele não queria adaptação ele queria peça original do carro.

A dedicação à restauração dos automóveis, tomava boa parte do tempo livre de Eduardo Matarazzo, quando não estava trabalhando, estava restaurando. Essa dedicação aconteceu com menos intensidade no período em que estava ativo em seus afezeres profissionais e se tornou mais intensa no final de sua vida. Tal fato pode ser verificado na entrevista concedida por Patrícia Matarazzo.

Patrícia se recorda e descreve um desses momentos:

Lembro que desde pequena, meu pai passava toda noite restaurando. Então assim, a gente jantava e ia normalmente pra oficina. Eu gostava de martelar. Meu pai sempre me dava uma madeirinha, um martelo e punha uns pregos. Eu ficava lá sentada martelando, lembro bem disso. E assim, lembro de ver meu pai a vida inteira ali, em cima e mexendo. Como ele entendia! Tinha uma noção muito, muito particular dos carros. Uma coisa não só de aprendizado, mas de *feeling* mesmo. Ele tinha muita intimidade com os carros e é isso que eu mais me lembro.

### **Do colecionismo ao Museu, a institucionalização de uma coleção**

Em busca de compreensão da passagem da coleção particular de Eduardo Matarazzo para Museu “Eduardo André Matarazzo” de Armas, Veículos e Máquinas, buscou-se primeiramente compreender as diferenças entre o público e o privado que serão utilizadas no decorrer desta parte da apresentação. A proposta é descrever como se deu o processo de institucionalização para entender os conceitos de privado e público, a relação entre poder privado e poder público e a coleção institucionalizada.

Para Bobbio (2004) existe uma dicotomia entre os termos, já que um pode ser definido independentemente do outro, ou seja, pela definição de um termo pode-se entender o outro como sua negativa. Por exemplo, privado é o não público, entendendo-se que no interior do espaço em que esses dois termos se delimitam o espaço “[...] fica totalmente ocupado, eles por sua vez delimitam-se reciprocamente, no sentido que a esfera do público chega até onde começa a esfera do privado, e vice-versa”. Um dos lugares-comuns no debate secular entre público e privado se encontra na proporcionalidade, quando se aumenta “[...] a esfera do público, diminui a do privado, ao aumentar a esfera do privado diminui a do público: uma comprovação que é geralmente acompanhada e complicada por juízos de valores contrapostos”.



O autor diz que existem três dicotomias para os conceitos de público e privado, que podem ser caracterizados através do Direito como uma “ordenação de relações sociais” em que são distinguidos dois tipos de relações entre iguais e desiguais, aplicadas tanto na esfera pública – governantes e governados, quanto na esfera particular – poder de comando e dever de obediência; através da forma de constituição do conjunto de regras que vinculam o comportamento, o direito público - pelas leis e o direito privado - pelos contratos (ou acordos bilaterais); e através das formas clássicas da justiça, a distributiva (aplicada entre o todo e as partes) – distribuição de cargos em honras de acordo com critérios pautados na diversidade de situações, e a comutativa (aplicada entre as partes) – trocas consideradas justas para as partes.

Mas a relação público/privado não é só descritiva, de acordo com Bobbio (2004) ela é valorativa, quando se atribui um significado valorativo, seja pelo “primado do privado sobre o público” ou do “primado público sobre o privado”.

O primeiro é considerado o grande direito privado, direito da razão, representado pelas instituições: família, propriedade, contrato e testamento. Um acontecimento que revela a persistência do privado sobre o público é a “[...] resistência que o direito de propriedade opõe à ingerência do poder soberano, e, portanto ao direito por parte do soberano de expropriação (por causa de utilidade pública) dos bens do súdito”. (BOBBIO, 2004).

O primado do público sobre o privado fundamenta-se na subordinação, se necessário, do interesse coletivo sobre o individual, ou seja, “o todo precede as partes” e o bem da totalidade se torna o bem das suas partes. Para Bobbio, esse bem uma vez conseguido se torna “o maior bem para os sujeitos”, pois é o esforço de cada um que constrói solidariamente o “bem comum”, de acordo, “[...] com as regras que a comunidade inteira, ou o grupo dirigente que a representa, por ficção ou na realidade, impôs a si própria através dos seus órgãos, sejam eles autocráticos ou democráticos” (BOBBIO, 2004).

Sob a visão do público / privado como político / econômico, Bobbio (2004) diz que podemos ver dois processos o de “publicização do privado” e o de “privatização do público” que trabalham de forma compatíveis e se cruzam em determinados momentos. O processo de publicização do privado apresenta a subordinação dos interesses do privado aos interesses coletivos representados pelo Estado. O processo de privatização do público representa os interesses privados organizados através de grupos que utilizam os “aparelhos públicos” para atingirem seus objetivos próprios.

Num processo de intersecção, em algum momento, da publicização do privado (que dificilmente acontece) com a privatização do público “[...] é preciso observar que a vitória do poder visível sobre o invisível nunca é completa: o poder invisível resiste à avançada do visível, inventa maneiras sempre novas para se esconder para ver e para se esconder sem ser visto” (BOBBIO, 2004).

Para Duby (2004) o conceito de público pode ser entendido como o comum, de uso de todos, o que “[...] não constituindo objeto de apropriação particular, está aberto, distribuído, resultando a derivação no substantivo o *público*, designando o conjunto daqueles que se beneficiam dessa abertura de distribuição. [...] é dito público o ostensivo, o manifesto”.

O conceito de privado busca o termo *próprio* – que pertence a alguém, ao outro, “ao *secreto, reservado* (o que é subtraído)”. Outro aspecto importante do privado, segundo Duby (2004) se encontra ligado à noção “[...] de festa, de cerimonial, de espetáculo montado, os gestos que se fazem, as palavras que se dizem, as atitudes que se tomam diante dos outros de maneira a mostrar-se [...]”, de reservado, de retiro. O privado na época feudal se organizava em torno de seres e objetos que escapavam por direito, da autoridade coletiva, ou seja, constituíam lugares próprios, delimitados por um espaço físico, resultando na vida privada. Essa vida privada não era ligada necessariamente à família, mas às relações de “grande vínculo afetivo” as amizades, “cimento de todas as ordenações internas”.

Essa relação do privado e público é vivida na sociedade, e sociedade para Papagno (2004) não pode ser vista sem instituições. O autor diz que as instituições nascem de uma “socialidade” e, portanto, “em estreita interdependência com a formação de um conjunto de formas ou estruturas sociais elaboradas pelo costume ou estabelecidas por uma ou mais leis, que nós, precisamente, definimos como instituições de uma sociedade”.

Sobre este enfoque da relação da coleção privada à formação da instituição pública do Museu, pretende-se descrever a trajetória percorrida durante os quarenta e três anos de existência da institucionalização da coleção. Menciona-se também, que o percurso do processo de institucionalização, baseou-se fundamentalmente na análise da documentação oficial formada por atas, estatutos, convênios, etc.

Na década de 50, Eduardo Matarazzo restaurava e acomodava seus carros na própria casa da Rua Guatemala. No final desta década, passa a guardar os carros nos galpões das IRFM. Em 60, os amigos próximos sugerem que torne sua coleção pública e já com problemas de espaço para abrigar os carros, desperta o interesse em realizar o projeto de constituição de um Museu.

De acordo com um dos poucos relatos públicos do próprio colecionador, o início da exposição pública se deu da seguinte forma: “Sempre gostei de automobilismo e comecei a restaurar alguns veículos; a coleção foi aumentando e surgiu o interesse do público vê-los” (HENRIQUE, 2000).

A esposa recorda-se que quando ele tinha mais ou menos “uns vinte carros antigos”, alguns amigos que gostavam de apreciá-los, sugeriram que os mostrasse ao público. Em 1964, criou juntamente com mais dezesseis amigos o Museu de Carros e Veículos Motorizados Antigos, em São Paulo e passou a “guardar a coleção na Rua Joly, que era um prédio da fábrica da Matarazzo”.

Eduardo Matarazzo juntamente com Mentor F. Muniz, Carlos A. Roderbourg, Pedro Machado Filho, Nelson Monteiro de Carvalho, Oscar Malzone, Pedro Edmundo Santoro, Darcilio Moreira Marques, Cincinato Coelho dos Santos, Carlos de Britto Pereira, Layre de Castro Alves, Alfredo Villares, André Ippolito, Roberto Lenci, Ricardo Lenci, André Francisco de Andrade Arantes e Joaquim Rodesbourg fundou em 19 de Setembro de 1964 o Museu de Armas e Veículos Motorizados Antigos, na cidade de São Paulo, com a finalidade de organizar e expor ao olhar público os objetos pessoais dos sócios-participantes, basicamente armas e veículos.

Em assembléia de 30 de Abril de 1966 o Museu de Armas e Veículos Motorizados Antigos recebe o número CGCMF N° 57.024.846/0001-89 e sede social situada à Rua Gonçalo Camacho s/n°, Bairro Pedreira, São Paulo – SP.

A coleção não parou de crescer e por volta de 1967, o colecionador já contava com mais de quarenta peças e sob sugestão da esposa, procurou um local público para expor a coleção. Consultou autoridades paulistas que não deram atenção necessária. A esposa então, sugeriu um novo espaço para alocar a coleção, sendo este a cidade de Bebedouro-SP, onde a família já possuía e visitava com frequência a Fazenda Pau D’Alho.

Em contato com a gestão da cidade interiorana paulista, representada pelo então prefeito Hercules Pereira Hortal, estabeleceu-se um acordo, no qual a Prefeitura construiria o prédio e Eduardo Matarazzo exporia sua coleção, se responsabilizando pelo transporte e acomodação das peças.

Em 17 de Agosto de 1968, o vice - prefeito municipal de Bebedouro-SP, Sérgio Sessa Stamato comunicou ao colecionador o início da construção do prédio, onde iria se localizar o Museu, cedido em comodato pelo colecionador. Informou-lhe sobre a localização privilegiada na cidade de Bebedouro, em praça situada nas proximidades do lago artificial.

Em 24 de Abril de 1969, o Sr. Prefeito Municipal Hercules Pereira Hortal dirigiu correspondência ao Cel Walfrido de Carvalho, Presidente da Companhia Paulista de Estradas

de Ferro de São Paulo, pedindo a concessão de transporte ferroviário de vagão do tipo “galera aberta”, da Mooca a Bebedouro, para automóveis, tratores e caminhões antigos que se destinavam ao Museu de Automóveis da Municipalidade, para ser inaugurado no dia 03 de Maio de 1969. Também foi encaminhada correspondência ao Sr. Firmino Rocha de Freitas, Secretário dos Transportes de São Paulo, pedindo a intercessão junto ao Presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro de São Paulo, no mesmo intuito. O Sr. Luiz Leite Bandeira de Mello, Administrador da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, também recebeu correspondência pedindo a colaboração da Estrada de Ferro, para o transporte das peças do Museu pertencentes à Prefeitura.

No dia 30 de Abril de 1969, o Prefeito de Bebedouro recebeu do Sr. Rubem Muller, superintendente interino a resposta de veto do pedido de concessão de transporte gratuito de automóveis, tratores e caminhões da Mooca a Bebedouro, pautado no art. 31º da lei nº 3115 de 16-3-1957, regulamentada pelo Decreto nº 56.378 de 31-5-1965.

Através da lei nº 730 de 30 de abril de 1969, o Prefeito Hercules Pereira Hortal, dispôs sobre a instalação do Museu de Armas e Veículos Motorizados Antigos “Eduardo André Matarazzo”.

No período entre 1969 e 1970, o colecionador levou para Bebedouro a coleção que já contava com aproximadamente 70 carros. Mudou-se para a Fazenda Pau D’Alho e transportou consigo a oficina localizada na Rua Guatemala, os elevadores, as máquinas e os acessórios necessários para continuar os processos de restauro. Os carros foram sendo acomodados aos poucos no Museu.

A inauguração oficial do Museu de Armas e Veículos Motorizados Antigos “Eduardo André Matarazzo” ocorreu no dia 19 de Julho de 1970, com a presença do Conde Francisco Matarazzo Júnior e da Condessa Mariângela Matarazzo, bem como, do Prefeito Hercules Pereira Hortal, de deputados, pessoas influentes das cidades de Bebedouro-SP e Ribeirão Preto-SP. Em reportagem do Jornal Gazeta de Bebedouro, de 26 de Julho de 1970, ficou registrado que a coleção já contava com uma aeronave Douglas DC3, um helicóptero, um tanque de guerra, dois carros anfíbios e motores diversos, além de carros antigos.

Nesta fase, o colecionador começou a coletar objetos diversos para colocar no Museu. Além dos carros começaram a aparecer motores, aviões, máquinas de guerra, tanques, máquina registradora, etc. A esposa explica que tudo o que fosse antigo, mas representasse o avanço tecnológico de certa época, o colecionador adquiria e restaurava.

Apareceram os primeiros aviões da coleção (antiga paixão do colecionador). A esposa se recorda que para levá-los de São Paulo à Bebedouro, Eduardo Matarazzo mobilizava a Polícia Militar, o Detran, motos batedoras, carretas para transportar as asas do avião e outra, para transportar o ‘corpo’ do avião.

Observa-se que em vários momentos a máquina funciona como o ‘estimulante’ do ato colecionador de Eduardo Matarazzo. Outra paixão são os móveis. Como descreve Patrícia:

Era um gosto dele por máquinas. Por exemplo, o meu pai gostava de montar aqueles carrinhos, como chama, móvel. Sabe, esses que você compra em caixas, totalmente desmontável. Ele tem milhões [...]. Outra coisa que ele gostava de montar era eletrônicos. Então, ele montava rádios, comprava peças e montava rádio. Ele sempre gostou. Meu pai adorava som. Ele era louco por som, televisão, tudo que saia em eletrônica. Engraçado que ele não se apegou ao computador, mas até à informática, tudo o que aparecia de novo.

Apesar das máquinas serem o centro da coleção, Eduardo Matarazzo estabelece o antigo como ‘sinalizador’ temporal para coletar. Em nenhum momento inseriu seus carros de uso cotidiano na coleção. Adorava novidades e sempre adquiria lançamentos da Fiat, sua marca de preferência. Patrícia Matarazzo disse sobre a inserção dos carros de uso cotidiano na coleção: “Não, esses atuais não. Ficavam mais pra gente. Tipo assim, quando eu tirei carta eu

peguei um Oggi que tinha na minha casa. Depois o Oggi ficou muito velho, ele comprou um Premio e aí, foi assim. Não era coisa que ele punha na coleção”.

Sobre preferências do colecionador em relação a alguma das peças da coleção, a filha diz que o pai não demonstrava preferência por nenhuma. Para ele “[...] o todo era importante”.

Acredita-se que o colecionador nunca visualizou o fim ou a completude da coleção, já que quando faleceu tinha mais vinte carros comprados na fila de restauração. A esposa se recorda que uma das últimas peças que ele restaurou foi um helicóptero.

Atualmente, a coleção está composta por quase duzentas peças: 90 carros, 19 aviões, 08 motocicletas, 29 máquinas, 84 objetos antigos diversos e 44 peças bélicas.

A coleção de automóveis de Eduardo Matarazzo é bem maior do que a encontrada no Museu. Existem outros 28 carros restaurados e 02 locomotivas, guardados no Porto Matarazzo, em Antonina-PR e 27 carros guardados na Fazenda Pau D’Alho, em Bebedouro-SP.

De acordo com Eneida Matarazzo, o marido era tão fiel ao *hobby* de colecionar automóveis, que nunca vendeu nenhuma das peças da coleção, apesar de receber propostas milionárias, inclusive das fabricantes. Mas, a esposa descreve que o colecionador tinha a coleção:

Por *hobby* e assim uma paixão. Ele gostava daquilo que fazia, tinha orgulho de ver o carro refeito, pegar um carro em péssimas condições e fazer ele como ele era originalmente. Gostava demais do que ele fazia. Então o que aconteceu, quando nós... nós tínhamos a fazenda quando ele veio pra Bebedouro pra ser presidente da Frutesp, [...] passou a morar na Fazenda Pau D’Alho, aí ele trouxe da casa da rua Guatemala... trouxe à nossa fazenda todo o maquinário e continuou. Era assim, trabalhava na Frutesp durante o dia e a noite se dedicava ao restauro, o tempo todo, quer dizer (...) ele orientava os mecânicos que não entendiam muito de carro, de carro antigo. Então, ele trouxe todo esse maquinário, instalou na fazenda Pau D’Alho e continuou reformando, e reformando e reformando sem parar.

Além da dedicação, outros dois aspectos deste colecionador são destacados: - o interesse em registrar os objetos restaurados com uma marca própria (criou um brasão para a coleção - “Scuderia Nero”. Esta marca era colocada nos carros após saírem do restauro).

Havia despreocupação em expor ao público, registros sobre a procedência e histórico dos objetos. Eram feitas pequenas placas expositivas, contendo nome e ano de fabricação dos carros.

Estes dois aspectos nos atentam para a questão da existência de uma coleção particular ou de uma instituição museu.

Apesar da dedicação aos objetos e do cuidado com a coleção, muitos problemas surgiram com o tempo. A falta de determinação clara dos objetivos da instituição fizeram com que muitas tensões surgissem entre a Prefeitura Municipal e a direção do Museu exercida pelo colecionador e após sua morte pela família.

### **Uma consideração**

Embora nas últimas décadas, os estudos sobre colecionismo obtiveram um considerável avanço, ao ponto de se tornarem motivo de estudos de diversas disciplinas, o aspecto da sua institucionalização ainda está inexplorado.

Analisada desde a perspectiva da institucionalização da coleção de Eduardo André Matarazzo, a paixão do colecionador, seu interesse, suas ações direcionadas para a construção da mesma quando tornada pública, no sentido de se institucionalizar como bem comum, terminou por se afastar de sua fonte originária com seu conseqüente desinteresse. Observou-se que, neste processo de institucionalização se confundiram os espaços público e privado, sendo que o terreno e a construção do Museu foram doados pelo poder público e a coleção

permaneceu como propriedade legal dos herdeiros do falecido colecionador. Os interesses de cada uma das partes foram muitas vezes adversos.

Por um lado, o descaso da Prefeitura de Bebedouro em relação à conservação da coleção e por outro a preocupação da família Matarazzo, que detém os direitos e responsabilidade de preservação da coleção, demandando condições de manutenção e guarda que a Prefeitura não consegue responder, geraram vários momentos de tensão, onde foram questionados os aspectos referentes à administração do Museu, manutenção do prédio, cobertura dos aviões, condições inadequadas para manutenção e conservação do acervo.

A descrição do processo de institucionalização teve o intuito de analisar e descrever os meios pelo qual a coleção se tornou pública, ou melhor, disponível ao olhar do público. Através de análise da documentação produzida pelo Museu pôde-se apresentar os percursos, os dispositivos público e privado, suas negociações, seus acordos e suas diferenças. Isto é, percebeu-se que, no caso, a inação do Museu obedece a um problema que, legalmente seria resolvido por meio de um acordo, que está pautado num convênio já existente desde 1969 e qual não se ajustou ainda aos deveres e direitos que cada uma das partes detém sobre a coleção e o Museu.

## Referências

BOBBIO, Norberto. Público/privado. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Estado-Guerra**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004. p.176-190. v.14.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno**. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. p.85-110.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 351 p. v.1.

CLARA, Isabel Santa. Coleções. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, suplemento especial, p.167-170, jan./jun. 2005.

CRIPPA, Giulia. Entre paixão e necessidade: a arte de colecionar, os espaços da memória e do conhecimento na história. FURNIVAL, Ariadne Chloë; COSTA, Luzia Sigoli Fernandes (Orgs.). **Informação e conhecimento: aproximando áreas de saber**. São Carlos: EduFSCar, 2005. p.29-48.

DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada: da Europa feudal à Renascença**. Tradução por Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 638 p. v.2.

HENRIQUE, Brás. Colecionador expõe carro e avião em Museu. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2000. Cidades, Caderno C, p.6.

HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, v. 15, n.1, p.11-13, 1990.

JANEIRA, Ana Luísa. Gabinetes, boticas e bibliotecas. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, suplemento especial, p.11-17, jan./jun. 2005.

JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JOSGRILBERG, Fabio B. **Cotidiano e invenção**: os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005. 147 p. (Ensaio Transversais, 32).

KASINSKY, Ana Luiza Borges. **A importância do colecionismo**: o caso da Fundação Maria Luísa e Oscar Americano. São Paulo, 2000. (Curso de Especialização em Museologia). 50 p.

LÉON, Aurora. **El museo**: teoría, praxis y utopía. 6. ed. Madrid: Cátedra, 1995. p.9-65. (Cuadernos Arte Cátedra).

MENESES, Ulpiano T. B. De. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista** – Nova Série, São Paulo, v.1, p.207-222, 1993.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p.111-119, jan./jun. 2005.

PAPAGNO, Giuseppe. Instituições. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Direito-classes**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004. p.160-200. v.39.

PEARCE, Susan. Behavioural interaction with objects. In: Pearce, Susan (Org.). **Interpreting objects and collections**. New York: Routledge, 2005. p.38-40.

\_\_\_\_\_. Collecting reconsidered. In: Pearce, Susan (Org.). **Interpreting objects and collections**. New York: Routledge, 2005. p.193-204.

POMIAN, K. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Memória / história**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004. p.51-86. v.1.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p. (Primeiros Passos).

<sup>11</sup> Memória entendida na concepção de Meneses (1992, p.22-23 apud MENESES, 1993, p.21-22) como “[...] operação ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de reorientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social.”

<sup>2</sup> Além de colecionar automóveis, Eduardo Matarazzo mantinha outras coleções, entre elas: a reprodução da cidade do Rio de Janeiro em miniaturas de trem.

<sup>3</sup> As citações sem indicação de referência pertencem às entrevistas realizadas com Francisco Eduardo Matarazzo (filho do colecionador), Eneida Batistete Matarazzo (esposa do colecionador), Patrícia Marta Matarazzo (filha do colecionador) e Anésio Buzon (funcionário do colecionador). As entrevistas na íntegra são constantes da dissertação de mestrado em questão.

<sup>4</sup> O termo restauro utilizado no texto significa reparo. Utilizou-se como parâmetro de análise o termo restauro atribuído por colecionadores de automóveis antigos (antigomobilistas), quando buscam manter a originalidade das peças de seus automóveis.